

RABISCOS DE UM ESCREVINHADOR

(Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta publicação em “A Federação”, jornal da vizinha cidade de Itu. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas).

299. MULHERES VIAJANTES

Há alguns anos, a Professora Miriam Moreira Leite, da Universidade de São Paulo, com a propriedade e argúcia que lhe são reconhecidas, ocupou-se, num artigo da “Revista Brasileira de História”, de diversas mulheres estrangeiras que visitaram nosso país no século passado, deixando relatos de suas andanças, que enriquecem sobremaneira a bem vasta e variada literatura de viajantes que escreveram sobre o Brasil. Dos 150 viajantes arrolados e examinados em sua pesquisa, dezessete são mulheres, número aparentemente pequeno, mas que, a rigor, pode ser considerado até bastante grande dado o condicionamento social em que viviam as mulheres naquela época.

Das dezessete autoras examinadas, algumas já eram familiares aos que têm algum conhecimento da literatura dos viajantes: Maria Graham, Elizabeth Cary Agassiz, Ina von Binzer, Madame Langendonck, Ida Pfeiffer e a princesa Teresa da Baviera. As quatro primeiras têm seus livros traduzidos na íntegra. Quanto a Ida Pfeiffer, que parece ter sido a primeira mulher a realizar uma viagem de circunavegação, seus escritos foram resenhados por Afonso de Taunay em dois de seus livros: **No Brasil de 1840** (1936) e “**Antiquilhas paulistas**” (1951). E quanto à princesa bávara, creio

que só um pequeno excerto relativo à terra capixaba encontra-se publicado no livro “**Viajantes estrangeiros no Espírito Santo**”, de Levy Rocha.

A senhora Agassiz foi colaboradora de seu marido, o cientista Louis Agassiz, e a ela se deve, com efeito, a maior porção no importante livro que o casal publicou em 1868, nos Estados Unidos, e do qual existem duas edições em português, em traduções diferentes, uma na coleção “*Brasiliana*” da Companhia Editora Nacional, de São Paulo, e outra na coleção “*Reconquista do Brasil*”, da Editora Itatiaia, de Belo Horizonte.

Maria Graham, nome tão vinculado à época de nossa Independência, teve seu grande e belo livro igualmente editado pelas duas editoras mencionadas, na mesma tradução de Américo Jacobina Lacombe: escritos menores da viajante inglesa encontram-se publicados pela Biblioteca Nacional e pelo antigo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (atualmente Fundação Joaquim Nabuco), de Recife.

Ina von Binzer teve suas “alegrias e tristezas de uma professora alemã no Brasil” publicada em tradução pela primeira vez em 1954 pelas páginas da antiga revista “*Anhemi*”, que por muitos anos circulou em São Paulo, sob a direção de Paulo Duarte, e de seu livro nada menos de seis edições até agora apareceram, o que não só mostra interesse que a obra alcançou, como, parece-me, constitui caso raro na bibliografia brasileira: foi livro de viajante estrangeiro que maior número de edições alcançou.

Quanto à belga Madame Langendonck, autora de **Une e colonie au Brasil**, publicado em Antuérpia, em 1862, tive o privilégio da prioridade na divulgação de seu livro no Brasil. Trata-se de um dos livros mais raros, não se conhecendo senão três ou quatro exemplares em todo o país. Graças à gentileza de meu preclaro amigo e confrade do Instituto Histórico de São Paulo, dr. Tácito van Langendonck bisneto da autora, obtive uma cópia do exemplar existente na Biblioteca Riograndense, da cidade do Rio Grande, no Rio Grande do Sul, talvez a única biblioteca pública do país a possuir o livro. Providenciada a tradução, tive oportunidade de divulgá-la em um número especial de “*Notícias Bibliografia e Histórica*”, publicação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Voltarei ao assunto em próxima nota, tratando das outras mulheres viajantes. Mas, gostaria de terminar lembrando que o interesse por essa literatura de mulheres viajantes não é coisa de agora, como a muitos pode parecer. Basta dizer que a primeira publicação, em tradução, de um livro de viajante feminina, remonta a 1883, segundo nos informa a professora Miriam Moreira Leite: trata-se da **Viagem de uma parisiense ao Brasil**:

estudo e crítica dos costumes brasileiros, de Adele Toussaint-Samson, publicado pela Tipografia Villeneuve do Rio de Janeiro. (27-1-1996)

*

300. A "ARTE DO VIEIRA"

Há mais de meio século (1940), o Instituto Histórico e Geográfico de Santos, comemorando o tricentenário da restauração de Portugal após os sessenta anos de dominação espanhola, promoveu uma reedição da **Viagem da Armada**, de Francisco de Brito Freire. A motivação do empreendimento fundamentava-se na recordação de que em Santos e São Vicente fora aclamado sem hesitação o novo rei Dom João IV e a reedição do raríssimo livro se fazia "em homenagem à fraternidade luso-brasileira". Anteposto ao texto, uma nota sobre o autor, extraída da **Biblioteca Lusitana**, de Barbosa Machado.

A obra de Brito Freire fora publicada originalmente "por mandado de El-Rey Nosso Senhor", no ano de 1655. A rainha, que regia o trono português durante a menoridade de Dom Afonso VI, autorizou a publicação do livro porque lhe pareceu "matéria digna de que se passasse a todos, pelas notícias que dá, e que poderá servir de roteiro para outras viagens semelhantes".

É curioso saber que entre as pessoas embarcadas na armada de Brito Freire, figurava, degredado para o Brasil, Dom Francisco Manuel, "sujeito conhecido da nossa e das nações estrangeiras", segundo informa o comandante Trata-se, na realidade, de Dom Francisco Manuel de Melo, "uma das figuras mais curiosas da literatura portuguesa, polígrafo de maior renome dentro e fora da Península". No Brasil, ficou de agosto de 1655 a março de 1658.

A este escritor atribui-se atualmente, com grande probabilidade de certeza, a autoria do famoso livro **A arte de furto**, durante dois séculos pelo menos atribuída ao Padre Antonio Vieira. Seu título completo, é **Arte de furto, espelho de enganos, teatro de verdade, mostrador de horas minguadas, gazúa geral dos reinos de Portugal** e foi dado como impresso pela primeira vez, dedicado a Dom João IV, na Oficina Elvizeriana, de Amsterdam, no ano de 1652. Todavia, informa o prefácio de uma de suas

edições, que há boas razões para supor que o fosse em Lisboa mesmo, apenas muito mais tarde.

De qualquer maneira a atribuição do livro a padre Vieira tornou-se tão frequente, que continua mencionada em numerosos livros de literatura. Ocorre-me à lembrança que Luís Gama, o famoso abolicionista, em seu famoso poema satírico “A Bodarrada”, refere-se aos ladrões como os que “fazem grossa pepineira só pela arte do Vieira, e com jeito e proteções galgam altas posições”.

Acontece, porém, que nem todos aceitam pacificamente a atribuição da autoria do famoso livro a Dom Francisco Manuel de Melo. A edição que possuo, por exemplo, preferiu considerá-lo obra anônima, desdenhando o problema de “erudição bibliográfica”, que, no entender do prefaciador, constitui a discussão da autoria. Preferiu, tal como Capistrano de Abreu com relação aos **Diálogos das Grandezas do Brasil** apreciar o valor do livro, sem perder tempo em discutir sua autoria. Mas, não deixa de ser curioso saber que no Brasil viveu, por alguns anos, o indigitado autor e um dos maiores escritores portugueses de seu tempo. E como degredado... (2-3-1996)

*

301. O BARBEIRO QUE NÃO É DE SEVILHA

Para quem quer que tenha alguma familiaridade com a música lírica (ópera), barbeiro que não for de Sevilha só poderá ser de Bagdá. Com efeito, tem este título, “O Barbeiro de Bagdá” (Der Barbier von Bagdad”) uma das mais interessantes óperas cômicas produzidas na Alemanha do século passado. Seu autor, Peter Cornelius, nascido em Mainz na véspera do Natal de 1824, viveu apenas 50 anos, falecendo na mesma cidade a 26 de outubro de 1874.

É compositor pouco conhecido fora da Alemanha. apesar de ter deixado obra valiosa, quase toda vocal. Além de “O Barbeiro de Bagdá”, estreada em Weimar, sob a direção de Liszt, em 1858, deixou outra ópera, esta sobre o tema espanhol do Cid, com base na peça de Corneille; deixou, ainda, uma grande quantidade de peças para coro e solistas, algumas de natureza sacra, outras profanas.

Foi amigo de Liszt e de Wagner, sofrendo naturalmente a influência dos dois grandes gênios. Lembra Ernst Newmann, na análise que faz de “O Barbeiro de Bagdá” em sua **História das Grandes Óperas**, que de todas as pessoas atraídas à órbita de Wagner, quer como homem quer como artista, Cornelius foi a que menos se sujeitou à tirania da personalidade do gigante a sua própria personalidade”. Cornelius - diz ainda Newmann - não tinha ilusões a respeito de sua capacidade musical. Mas, é o mesmo analista que encerra seus comentários dizendo a respeito de “O Barbeiro de Bagdá” que “se não é ópera para toda gente, constitui um prazer para algumas pessoas capazes de apreciar em música um humorismo bem refinado”.

O enredo de “O Barbeiro de Bagdá” é extraído de uma série de passagens das “Mil e Uma Noites”, a famosa coleção de contos árabes, divulgada com muita frequência na Europa a partir do século XVIII e aproveitada por muitos compositores, tanto para obras instrumentais como vocais.

A ópera de Cornelius, contudo, não foi bem aquinhoada pela sorte. A primeira representação redundou num fracasso, não tanto por culpa da ópera ou de seu autor, mas pela hostilidade movida contra Liszt em certo momento de sua presença em Weimer. E também, diga-se de passagem, por algumas deficiências da partitura, reconhecidas pelo próprio compositor, que tratou de retocá-la.

Todavia, a apresentação de 1858 foi a única em vida de Cornelius. Com sua morte em 1874, a ópera ficou por conta de Hermann Levi e do grande regente wagneriano Felix Mottl, que submeteram-na, a outras modificações até termos a versão atual. Ora modificada, ora na forma original, “O Barbeiro de Bagdá”, foi ouvido em 1877, 1884, 1885 e depois só em 1904, quando ficou assegurado o seu êxito. De então para cá tem aparecido com certa frequência nos teatros europeus, especializados em óperas ligeiras, especialmente na Alemanha e na Áustria. Em nosso país nunca chegou a ser encenada. Mas os aficionados do lírico podem ouvi-la em primorosa gravação integral em discos.

Peter Cornelius tem sido pouco beneficiado pelo disco, embora, como já foi dito, exista uma excelente gravação de sua ópera mais importante. Mas, de suas outras obras, nada ou muito pouco é lembrado hoje. É importante que se veja em “O Barbeiro de Bagdá” mais um exemplo daquela mania de orientalismo que assinalou a música européia dos séculos XVIII e XIX e de que são exemplos, entre outros, “O Rapto do Serralho”, de Mozart;



“Abu-Hassan”, de Weber; “Sherazade”, de Rimsky-Korsakov; “O Califa de Bagdá”, de Boieldieu e, mais recentes, “Madame Butterfly” e “Turandot”, de Puccini. (16-3-1996)

*

302. UM MINEIRO NA “FARROUPILHA”

Há alguns anos, quando se comemorou o sesquicentenário da Revolução Farroupilha, tive oportunidade de divulgar, pela “Notícia Bibliográfica e Histórica”, o “Manifesto do Presidente da República Rio-grandense em nome de seus constituintes”, um dos mais preciosos textos da história política brasileira e muito pouco conhecido, pois raríssimos são os livros que o transcrevem, embora muitos o mencionem. Diversos leitores interessaram-se em obter mais informações sobre o precioso documento, indagando se dele não havia edições modernas. Pouco tive a responder, além de indicar a fonte de onde o havia extraído, o que não significa, obviamente, a negação à existência de outras edições.

Os riograndenses do Sul foram sempre muito dedicados ao estudo de suas tradições e entre estas a “Farroupilha” ocupa lugar de destaque, não faltando quem a considere o episódio máximo de sua crônica histórica. Uma biblioteca inteira - e imensa! - poderia ser organizada só com o que se escreveu sobre o “grande decênio”. Assim se denomina exatamente uma das peças mais importantes dessa extensa bibliografia. Infelizmente, nosso país peca pela falta de informações bibliográficas, num Estado geralmente não se sabendo o que se publica em outro.

A única tiragem em avulso que conheço do importante documento consiste num opúsculo editado em 1986 pela Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, enfeixando também outro manifesto igualmente valioso datado de Pelotas, do ano de 1835. Obtive esse opúsculo por gentileza do professor Astrogildo Fernandes, aliás o autor do respectivo prefácio. Data tal manifesto de 29 de agosto de 1838 e foi publicado originalmente em “O Povo”, jornal que circulou na cidade de Piratini, a capital dos farroupilhas.

O curioso é que o autor do mais importante documento da Revolução Farroupilha não é gaúcho, mas um mineiro de Diamantina que foi

para o Rio Grande a fim de organizar tropas de mulas para serem comercializadas em São Paulo. Acabou ficando por lá, tornando-se um dos articuladores da “Farroupilha”, da qual chegou a ser presidente. Seu nome: Domingos José de Almeida, nascido a 9 de julho de 1797 e falecido em Pelotas a 6 de maio de 1871.

Os dois manifestos reunidos no opúsculo a que fiz referência refletem a cultura de Domingos José de Almeida, em diferentes ângulos, “numa demonstração eloqüente do seu saber e evidenciam sua influência na comunidade gaúcha de então”, afirma o professor Astrogildo Fernandes. Sua escolaridade resumiu-se às primeiras letras, mas sua cultura “atingiu patamares superiores”, ainda no dizer do professor Astrogildo Fernandes.

Mas, não é só à “Farroupilha” que seu nome está vinculado. Importa considerar que ele foi o fundador da cidade de Uruguaiana (de tanta significação histórica na crônica rio-grandenses, especialmente por ocasião da Guerra do Paraguai), e foi igualmente pioneiro no Rio Grande do Sul da navegação a vapor, lacustre e fluvial. No final de sua vida radicou-se em Pelotas, onde seu trabalho foi amplamente reconhecido, pois em sua homenagem e em pleno regime imperial, foi erguido o primeiro monumento republicano no Brasil. Uruguaiana não ficou atrás embora apenas tão tardiamente, reverenciando também sua memória numa estátua inaugurada a 25 de maio de 1975.

Recentemente, alguns professores mineiros que, no começo de suas carreiras, trabalharam em Uruguaiana, liderados por José Gomes de Campos, tiveram a feliz iniciativa de levar para a cidade gaúcha terra de Diamantina e nela plantar uma “árvore de amizade” no pátio do Instituto União, tradicional educandário da cidade; e o mesmo foi feito em sentido inverso, levando-se terra de Uruguaiana para nela plantar uma árvore em Diamantina, a terra de Domingos José de Almeida. Selou-se dessa forma significativa a vinculação Diamantina-Uruguaiana, pela memória do mineiro que se tornou o ínclito chefe da Farroupilha. (23-3-1996)

